



**DANIEL  
OLIVEIRA**

**A  
DÉCADA  
DOS  
PSICOPATAS**

Dez anos de crónicas

L I S B O A  
TINTA-DA-CHINA  
M M X V

*Para o meu pai*

© 2015, Daniel Oliveira  
e Edições Tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6A  
1500-461 Lisboa  
Tels.: 21 726 90 28/9  
E-mail: info@tintadachina.pt

[www.tintadachina.pt](http://www.tintadachina.pt)

Título: *A Década dos Psicopatas*  
Autor: Daniel Oliveira  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição: Tinta-da-china  
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: maio de 2015  
ISBN 978-989-671-258-7  
Depósito Legal n.º 391021/15

# ÍNDICE

## Apresentação

II

### ROMÂNTICOS E AVENÇADOS

*A crise na era dos liberais*

- |  |   |
|--|---|
| The Corporation, 17                            | Morte na Praça Sintagma, 59                                 |
| Realismo suicida, 18                           | Dawes ou Marshall, 60                                       |
| Robôs nipónicos, 19                            | Café sem natas, 61  |
| Muro de Berlim, 20                             | O bluff alemão, 63  |
| O Apocalipse, 21                               | Fechar o ciclo, 65  |
| Frango de aviário, 22                          | Este País só será de velhos, 67                             |
| Vender os dedos, 23                            | Corta mais e haverá<br>menos dinheiro, 70                   |
| Os sacrifícios de Mexia, 25                    | Do povo, pelo povo,<br>para o povo, 72                      |
| Somos o que se segue, 27                       | Um Banksy sem valor, 74                                     |
| Não somos uma família, 28                      | Os banqueiros, 76   |
| O trilema, 29                                  | A democracia é um problema<br>a resolver, 78                |
| Camorra global, 31                             | Pacatos e trabalhadores,<br>poupados e prudentes, 82        |
| Síndrome de Estocolmo, 32                      | Declarada a morte<br>da social-democracia, 85               |
| Fora da ordem, 34                              | Diagnóstico errado, 87                                      |
| Somos deuses frágeis, 36                       | Eles não deixam, 88   |
| Cinismo e piqueniques, 39                      | Dar corda aos sapatos, 90                                   |
| Freecycle, 41                                  | A premonição, 92  |
| Capitalismo de candonga, 42                    | «A viragem liberal», 94                                     |
| Herr Schmidt, 43                               | Amanhãs que não cantam, 96                                  |
| Abençoada troika, 45                           | A saída limpa e as duas formas<br>de explicar o resgate, 97 |
| A oportunidade perdida<br>da esquerda, 47      | Fortes são a Galp e a EDP, 100                              |
| Românticos e avançados, 50                     | O milagre do novo, 102                                      |
| A ironia da EDP, 52                            |   |
| O dinheiro não tem cheiro, 54                  |   |
| O problema não é<br>o despesismo do Estado, 55 |   |
| Esperteza suicida, 58                          |   |

## O ESPÍRITO DA IGUALDADE

### *Estado Social e redistribuição*

Os cangalheiros, 107	Empobrecer, 134
E tudo o vento levou, 108	Pai, isso não sai no exame!, 136
Chover no molhado, 109	Luta de classes, 137
Business as usual, 110	A pobreza calada, 138
Difícil, mas justo, 111	A escola facilitista de Crato, 141
Quem parte e reparte, 112	O regresso das Supico Pinto, 144
Segurança é desemprego, trabalhador é explorador, 114	O outro aumento de impostos, 145
A classe média e os outros, 116	O poder do burocrata está em não se fazer entender, 147
O mito do Estado mínimo, 117	A revolta dos velhos, 150
Os velhos, 119	As saudades da antiga 4.ª classe, 152
Quem rema neste barco, 122	Desempregados e escravos do Estado, 156
O ano da morte do sindicalismo europeu, 123	Procura-se estagiário experiente e trabalhador desempregado, 158
O Espírito da igualdade, 124	A hecatombe na investigação: cérebros em saldo, 160
A dieta, 126	O barato sai caro, 166
O que é nosso é meu, 128	Aumentar o salário mínimo para tornar Portugal competitivo, 167
Augusta, 129	650 euros de desigualdade, 171
Brigada do reumático, 129	
Não é aldrabão, 130	
Caridade do patrão, 132	
Todos pobres, 133	

## O DIA DA MARMOTA

### *Portugal político*

A Coisa, 177	Abril em novembro, 187
Lá fora, 178	Patriotismo falhado, 188
O palhaço rico, 179	É o mínimo, 189
Palhaço, 180	Professor Doutor, 190
Não há heróis perfeitos, 184	A escolha, 191
O Velho, 185	Geração cavaquista, 193
A muralha de cartão, 186	Não lhes dou crédito, 194

Vã glória, 196
Um rapazola a quem calhou ser primeiro-ministro, 197
Não há festa como esta, 198
Roubo mas faço, 199
O bom filiado, 202
«D» de democracia, 204

«D» de descolonização, 209
«D» de descolonizar Portugal, 214
«D» de desenvolvimento, onde tudo se joga, 219
Perturbar o ramerrame, 224
Tudo pode, 226

## LEÕES E CORDEIROS

### *O Estado do mundo*

As damas de Havana, 231	A banalidade do bem, 249
Nunca aprendem, 232	Aliança pela Europa Social, 250
A filha de Zedu, 233	Rostos árabes, 252
O populista, 234	A encruzilhada síria, 253
Derrota ou morte, venceremos!, 236	Hollande e a esquerda órfã, 256
As filhas de Mogadíscio, 237	Do elefante de Columbine à derrota de Sandy Hook, 260
No gueto de Gaza, 238	Não, 264
O pide bom, 239	Istambul – São Paulo – Lisboa, 265
Leões e cordeiros, 240	Os perigos do antipartidarismo, 266
O rei vai nu, 241	Não matem de novo o Mandela, 271
Lixo humano, 242	O populismo como forma de governo, 277
O espelho de Karadzic, 243	O prostíbulo do mundo, 280
Zuma, o africano, 244	Integridade, 282
Tomara que caia, 245	A sobrevivente, 283
O arquipélago, 246	Marionetas, 285
Um tipo normal, 248	

## A MARCHA DOS PINGUINS

### *Costumes, civilização e media*

Deixa-me partir, 291	A liberdade dos loucos, 295
O inventão, 292	Arromba a barraca, 296
A lenda do homem do piano, 293	Lisboetas, 297
Os devassos pinguins, 294	O mal absoluto, 298

Vícios privados, 299	O xerife de Wall Street, 321
É proibido proibir, 300	Facebook is watching you, 323
Coisas fixas, 301	Pedofilia e linchamentos, 325
A doce ambiguidade, 302	O pecado da soberba, 327
Fala a Sónia, 303	Somos todos manipuladores, 328
Tropa de Elite, 304	Vítima e cúmplice, 330
Até que a morte as separe, 305	Leonarda, a banalidade do mal e os moderados radicais, 332
Mediocracia, 306	Uma moda que põe todos em perigo, 334
Longe da vista, 307	Sempre ligados, 338
Eles pensam, 309	O Papa da verdade, 339
Evangelho de um primário, 310	Ser libertino não é crime, 342
O efeito borboleta, 312	Tens estômago para ser Charlie?, 344
A dúvida, 314	
Jornalismo suave, 316	
Integra-te na cobardia, 318	

*Como se fosse um posfácio*

MIGUEL

347

Siglas

351

## APRESENTAÇÃO

Bush filho chegara há dois anos ao Iraque. Barroso ganhara fama internacional como anfitrião da cimeira das Lajes e partira para Bruxelas. No seu lugar, Santana Lopes era uma espécie de piada nacional, que ia a votos contra o homem a quem dediquei o meu primeiro texto no *Expresso*, em janeiro de 2005: «A coisa». Ainda não eram óbvias as paixões e os ódios que, nos anos seguintes, iria despertar. Os efeitos de uma lenta e ainda pouco debatida agonia económica, provocada pelo euro, pela expansão da União a leste e pela entrada da China no mercado global, preparavam o País para o pior. O discurso «da tanga» fazia o seu caminho para justificar o incumprimento de promessas eleitorais. A crise foi sempre resumida ao passa-culpas entre governos. Só depois olharíamos para ela de outra forma. E sem nunca nos libertarmos dos «vilões» e dos «salvadores».

Por toda a Europa, governos sociais-democratas e socialistas tratavam de desmantelar o seu próprio legado e de nos encaminhar para a inevitabilidade liberal. Gerhard Schröder fizera todo o trabalho sujo, para que Merkel colhesse os frutos. Tony Blair, atolado no Iraque, iria embora dois anos depois. Estava a chegar ao fim o domínio social-democrata da Europa. O seu epitáfio foi escrito pela «terceira via», que nunca mais ninguém se atreveu a elogiar.

A China já se impunha, o Hamas ainda não governava Gaza, Bin Laden ainda andava a monte e as sementes do ISIS ainda só

estavam a ser plantadas no caos iraquiano. Ainda não éramos todos especialistas forçados em economia, o aborto ainda era ilegal e os direitos das minorias ainda eram o que fraturava o debate político. Até que, em 2008, tudo mudou. Uma mudança que podia ser prevista por quem alertou para os riscos da desregulação financeira e para o erro histórico que fez nascer o euro. Os neocons e os ultras do liberalismo económico impuseram a sua vontade. Na Europa, fizeram-no às cavalitas do euro e da crise, sem realmente submeterem os seus programas a sufrágio democrático. O centro-esquerda preparara o caminho. A direita reclamava o saque. A escala de destruição que a hegemonia política do fanatismo liberal deixará na Europa é ainda difícil de avaliar. Meio século de paz, democracia e prosperidade europeias está em risco, e os últimos dez anos foram apenas o corolário de um processo que começou no final dos anos 70, pelas mãos de Reagan e Thatcher.

Ou então, isto é só o começo de uma nova era, cheia de incertezas e novas contradições. Que nascerão de um crescente desencanto com a democracia e com as instituições do Estado. Que têm os seus sinais de descontentamento em movimentos políticos como o Podemos, o Syriza ou o 5 Estrelas. Mas também na Frente Nacional, no UKIP ou na Aurora Dourada. Há dez anos, era a decadência do centro-esquerda. Agora, é o crescimento de movimentos antissistémicos. No meio, foi uma década dominada por psicopatas políticos e económicos que premiou a irresponsabilidade social e cívica.

A crise terá determinado, em mim, uma maior urgência na defesa, sem dogmatismos, de adquiridos civilizacionais. Ao longo dos últimos dez anos, isso correspondeu à consciência da necessidade de uma solução de poder que travasse o domínio político de uma direita agressiva e revanchista, apostada em dismantelar o Estado Providência e a democracia social. Mas também fez crescer um indisfarçável ceticismo em relação ao projeto europeu. Tal-

vez a crise e a humilhação nacional até tenham feito de mim mais patriota do que era. Mas os princípios fundamentais da liberdade, da democracia, do cosmopolitismo, da igualdade, e da defesa dos direitos de quem trabalha mantiveram-se intactos.

Este livro é apenas uma pequena seleção do que mudou e do que permaneceu. Uma seleção entre quase dois mil artigos que, no *Expresso* e nas suas edições on-line e diária, acompanharam dez anos políticos de que dificilmente nos iremos esquecer. A oportunidade de ir escrevendo este testemunho empenhado, devo-a aos três diretores do *Expresso*, que me garantiram uma rara e perigosa liberdade sem freios. Ela não se agradece, mas também não se esquece. José António Saraiva, Henrique Monteiro e Ricardo Costa defenderam-me sempre de qualquer pressão externa. Ainda há conquistas que nos protegem. A liberdade de imprensa é uma delas.

ROMÂNTICOS E AVENÇADOS

—

*A crise na era dos liberais*



## THE CORPORATION

Psicopatas. É assim que um documentário canadiano define as grandes empresas internacionais. Sintomas: incapacidade de se regerem por uma ética pública, de manifestarem preocupação pelo bem comum, e de reconhecerem a culpa. Dirigidas por funcionários, detidas por uma massa informe de acionistas, a moral é-lhes completamente estranha. O lucro é a medida de todas as suas ações.

*The Corporation* (2005) conta-nos algumas histórias. De como a Fox News despediu dois jornalistas por eles se recusarem a mentir numa questão de saúde pública que envolvia outra grande empresa, a Monsanto. «Gastámos três mil milhões de dólares com estes canais. Nós é que dizemos o que são as notícias.» De como, na terceira maior cidade da Bolívia, uma empresa proibiu a população mais pobre de recolher a água da chuva, porque lhe pertencia. De como uma empresa de vestuário explora o trabalho infantil em países do Terceiro Mundo e se gaba de ajudar instituições de apoio à infância.

Os seus administradores até podem ser movidos pelos melhores sentimentos. Mas a empresa não lhes pertence e não lhes são permitidas extravagâncias éticas. É uma pena, mas o mundo não é perfeito.

Estas empresas dominam hoje grande parte das decisões que se tomam neste planeta. A Monsanto tenta impedir agricultores

indianos de produzirem as suas sementes. A Carlyle compra presidentes. A Halliburton vende guerras. Centenas de empresas patenteiam códigos genéticos, fazendo da nossa identidade o maior negócio do futuro. Estes monstros económicos são um perigo para as nossas democracias, para a nossa liberdade e para a nossa saúde. São estas obras de Frankenstein que aqueles que se dizem liberais veem como modelo para as nossas vidas. Psicopatas.

*19 de março de 2005*

## REALISMO SUICIDA

A antiga Covina — privatizada na década de 1990 e, entretanto, comprada pela Saint-Gobain, líder mundial do vidro — quer produzir mais. Um senão: a taxa de 800 mil euros para aumentar a emissão de CO<sub>2</sub>. A empresa, que está em 35 países e emprega 30 mil trabalhadores, é pobrezinha e não se pode dar a esses luxos. Vem a ameaça: ou o governo paga a fatura ou os senhores vão conspurcar a Roménia. Outras empresas fazem o mesmo choradinho.

A história da Saint-Gobain é um pequeno exemplo da chantagem global em que vivemos. Para competirmos com a Roménia, teremos de estar preparados para contribuir para a destruição do planeta. Para competirmos com a China, teremos de proibir os sindicatos e as greves. Para resistirmos à Índia, teremos de pagar aos nossos trabalhadores um décimo do que hoje lhes pagamos. Para ganharmos à Tailândia, teremos de pôr a filharada a trabalhar na fábrica.

Os papagaios da banalidade repetem: só mercados totalmente abertos podem garantir o desenvolvimento económico global. Mas a evidência é a oposta: a desregulação dos mercados não está apenas a destruir o bem-estar dos países mais ricos. Está a acabar com o planeta, com os recursos naturais, com qualquer ideia de

coesão social e com os poderes democráticos eleitos, para além de alimentar ditaduras colossais. Mas não se enganem: o protecionismo sobrevive. Os grandes grupos, mais fortes do que a esmagadora maioria dos estados, tratam das suas patentes, dos seus monopólios, dos seus subsídios. Impõem a sua lei a políticos fracos, a trabalhadores dóceis e a uma opinião pública resignada. Querem que acreditemos que tudo é inevitável. Até não termos mais nada para salvar.

*27 de maio de 2006*

## ROBÔS NIPÓNICOS

O país das lutas de sumo e dos heróis obesos está preocupado com a gordura dos seus cidadãos. O governo japonês decretou que as empresas terão de diminuir o número de trabalhadores com excesso de peso até 2015. Ao que parece, o serviço nacional de saúde não suporta barrigas generosas. O limite decretado são 82 centímetros de perímetro.

O Japão, onde as crianças se matam porque não atingem os mínimos no competitivo mercado escolar, habituou-nos a ser uma caricatura dos nossos piores pesadelos. E se, no século xx, estes passavam pela omnipresença do Estado e da sua máquina ideológica, no século xxi temos razões para temer o preço do seu próprio emagrecimento. Depois da conquista da liberdade individual e do lazer, voltaremos a ser máquinas de produção, oleadas para custar pouco ao Estado e dar lucro às empresas. A ética capitalista tem o mesmo sonho de todas as ideologias totalitárias: transformar cada cidadão numa simples peça da engrenagem. Diferenças culturais à parte, e não são poucas, o Japão é apenas uma antevisão do futuro. Quando se cumprir o sonho ultraliberal (e antilibertário) e a única função do Estado for promover a produtividade e

reduzir as suas prestações sociais, ficaremos finalmente reduzidos a robôs nipónicos. Com elegantes barriguinhas, claro.

*3 de maio de 2008*

## MURO DE BERLIM

O fundo que o BCP tinha investido na Lehman Brothers chamava-se Millennium Prudente. Esta ironia é a melhor imagem dos tempos em que vivemos. Tudo é ilusão. E foi esta ilusão, a ideia de que a economia global podia depender de um jogo de sorte e azar sem a intervenção reguladora dos estados, que nos trouxe até aqui. Dependentes de gigantes financeiros que não podem falir sem deixar um rasto de destruição atrás de si, somos reféns da irresponsabilidade. No fim, cá estará o contribuinte para pagar o risco. Na AIG, na Fannie Mae, na Freddie Mac. Uma nacionalização na Bolívia, que socializa os lucros da produção energética, é pecado. Uma nacionalização nos EUA, que socializa os prejuízos de instituições financeiras, é inevitável. Nada que tire o sono aos nossos liberais intermitentes ou, mais grave, aos responsáveis por esta catástrofe. A crise não lhes chega à ombreira da porta. Em 2007, o CEO da Merrill Lynch recebeu 10,6 milhões de euros em bónus. O da Lehman Brothers ficou com três milhões. O da AIG, 2,7 milhões. O da Fannie Mae e o da Freddie Mac, um milhão e meio cada. Pelo seu excelente trabalho, claro.

Se as nossas economias estão de tal forma globalizadas que os gigantes financeiros não podem falir; se esses colossos jogam à roleta russa até ao limite da irresponsabilidade, inventando esquemas financeiros manhosos; se, no final, quem paga a fatura inevitável é o Estado, então o Estado tem de assumir as rédeas da economia para impor regras e transparência. As falências ou nacionalizações de gigantes, a crise dos alimentos por via da especulação, os preços

absurdos dos combustíveis... Os sinais estão aí. O capitalismo selvagem pode bem ter, na próxima década, o seu Muro de Berlim. Mas antes da derrocada, se não se importarem, seria útil responsabilizar quem, na política, nas empresas e nos jornais, nos meteu nesta alhada. Que pelo menos as culpas não sejam socializadas.

*20 de setembro de 2008*

## O APOCALIPSE

Os tremendistas sempre pegaram bem. E agora dão cartas no País. Perdidos e sem grandes exemplos a seguir, os portugueses viram-se para os homens que lhes anunciam a hecatombe e que dispararam para todos os lados sem qualquer critério. No estilo erudito, Vasco Pulido Valente. A cobrar à bandeirada, Medina Carreira. Os apóstolos do Apocalipse têm colunas nos jornais e programas televisivos em plano inclinado. Trazem-nos a boa nova: o mundo está a acabar e Portugal já acabou. Não há nada a fazer. Ninguém presta. Os portugueses não trabalham, os políticos não valem nada e, tirando eles próprios — todos portugueses e alguns deles ex-governantes —, só há gente incapaz e incompetente. Quem os ouve e lê pensa sempre que é de outros que eles estão a falar. Não, caro leitor, é a si que eles se referem.

Espero que um dia esta gente perceba a inutilidade do que fazem. Como opinantes, são preguiçosos. Como cidadãos, são pior do que isso. Mas que não se julgue que são apenas diletantes. As suas profecias servem, mesmo que involuntariamente, muitas agendas. As que se alimentam da resignação, seguramente. As que querem impor aos do costume um cinto apertado também. E, no limite, as dos que apostam na descrença total na democracia para nos propor coisa bem pior.

*31 de dezembro de 2009*

## SIGLAS

AKP	Adalet ve Kalkinma Partisi (Partido da Justiça e do Desenvolvimento – Turquia)
ANC	African National Congress (Congresso Nacional Africano – África do Sul)
ANF	Associação Nacional das Farmácias
BCE	Banco Central Europeu
BCP	Banco Comercial Português
BE	Bloco de Esquerda
BES	Banco Espírito Santo
BPI	Banco Português de Investimento
BPN	Banco Português de Negócios
CDS	Partido do Centro Democrático e Social
CEE	Comunidade Económica Europeia
CEI	Contratos Emprego-Inserção
CEO	Chief Executive Officer (Diretor Executivo)
CGD	Caixa Geral de Depósitos
CIA	Central Intelligence Agency (Agência Central de Inteligência – EUA)
CPLP	Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
ERC	Entidade Reguladora de Comunicação
FBI	Federal Bureau of Investigation (Departamento Federal de Investigação – EUA)
FCT	Fundação para a Ciência e a Tecnologia
FMI	Fundo Monetário Internacional
I&D	Investigação e Desenvolvimento
ICEP	Investimentos, Comércio e Turismo de Portugal
ICN	Instituto de Conservação da Natureza
ICS	Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa
IEFP	Instituto de Emprego e Formação Profissional
INE	Instituto Nacional de Estatística
IPSS	Instituição Particular de Solidariedade Social
IRA	Irish Republican Army (Exército Republicano Irlandês)
IRC	Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Coletivas
IRS	Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares
ISCTE	Instituto Universitário de Lisboa
ISDS	Investor-State Dispute Settlement (Resolução de Litígios entre Investidores e o Estado)

ISIS	Islamic State of Iraq and Syria (Estado Islâmico do Iraque e da Síria)
IVA	Imposto sobre o Valor Acrescentado
KGB	Komitet Gosudarstvennoi Bezopasnosti (Comité de Segurança do Estado – União Soviética)
MK	Umkhonto we Sizwe (Lança da Nação – África do Sul)
MPLA	Movimento Popular de Libertação de Angola
NATO	North Atlantic Treaty Organization (Organização do Tratado do Atlântico Norte)
NSA	National Security Agency (Agência Nacional de Segurança – EUA)
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
PCP	Partido Comunista Português
PEC	Plano de Estabilidade e Crescimento
PIB	Produto Interno Bruto
PISA	Programme for International Student Assessment (Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes)
POC	Programas Ocupacionais
PP	Partido Popular (Portugal e Espanha)
PPP	Parcerias Público-Privadas
PPR	Planos Poupança Reforma
PREC	Processo Revolucionário em Curso
PS	Partido Socialista
PSD	Partido Social-Democrata
PSF	Partido Social Francês
PSOE	Partido Socialista Operário Espanhol
PT	Partido dos Trabalhadores (Brasil) / Portugal Telecom
RDA	República Democrática Alemã
RSI	Rendimento Social de Inserção
SNS	Serviço Nacional de Saúde
SVP	Schweizerische Volkspartei (Partido Popular Suíço)
UE	União Europeia
UKIP	UK Independence Party (Partido de Independência do Reino Unido)
UNITA	União Nacional para a Independência Total de Angola



A DÉCADA  
DOS PSICOPATAS  
foi composto em caracteres  
Hoefler Text e impresso na  
Guide, Artes Gráficas, em papel  
Coral Book de 80 gramas,  
no mês de abril  
de 2015.